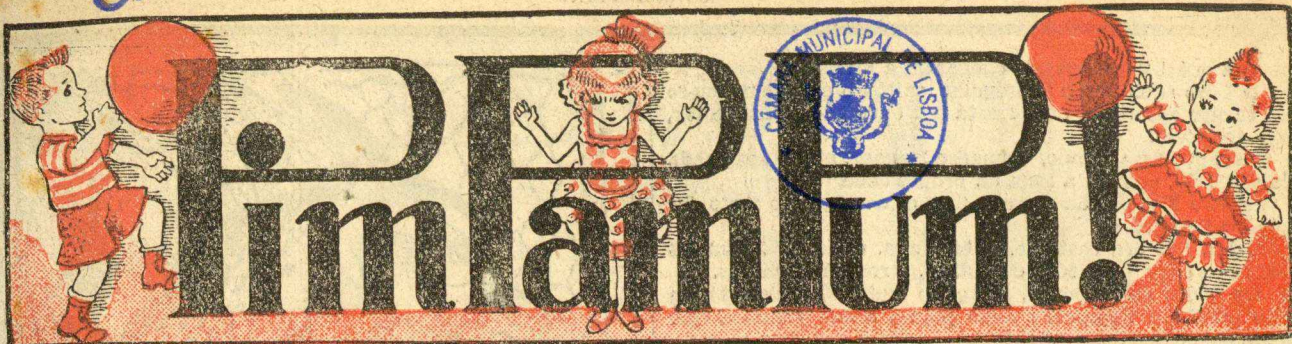


Oferta

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

COMO O LÔBO INTRUJOU A RAPOSA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Numa encruzilhada de caminhos, Compadre Lobo e Senhora Raposa esbarraram um com o outro.

— «Pelo que vejo, estás tal qual como eu! Trazes o sacco vazio, Compadre Lobo!» —

— «Sacco e bandulho, comadrinha! Em todo o dia, nada topei que me matasse a fome!» —

E os dois esfomeados olharam-se, ansiosos, pensando que tal situação não podia prolongar-se mais tempo.

O Lobo, com os olhos a faiscar, falou primeiro:

— «Comadrinha, — (disse elle) — vamos pôr-nos os dois a caminho e, assim juntos, trataremos da manobra. Tu és prudente e manhosa, eu sou enérgico e cruel. Na herdade do tio Zé Fagundes há muita criação. Com as maravilhosas qualidades que possuímos, só por obra do diabo, não arranjàremos qualquer coisa que nos regale a dentuça.» —

Mais bem dispostos com tal idéa, os dois mariolas caminharam, rasteirinhos ao muro, fazendo-se baixinhos para que os arbustos os tapassem.

Já ouviam o alegre có-có-ró-có dos galos e o monótono cacarejar das galinhas, quando o Lobo parou, dizendo:

— «Combinemos a divisão do trabalho. Eu, que sou maier e mais forte, é que vou buscar os capões que nos convem. Tu ficarás à espreita por detrás do muro. Se, por acaso, aparecer algum cão de guarda, explica-lhe que estás no teu pleno direito de cortares por ali, visto que a tua casa fica a meio da encosta. Mas dize-lhe isso em alto e bom som, para que eu te oiça e não me apanhem com a bôca na botija, percebeste? Enquanto vigias a canzoada, eu tratarei de surripiar a criação mais tentadora, que levarei para baixo do carvalho velho, onde depois irás ter comigo.» —

Comadre Raposa ficou encantada com a engenhosa proposta.

— «Como este Lobo é estúpido! — (pensava com os seus botões.) Se fôr apanhado em flagrante, dão cabo d'ele! Eu é que nada faço nem arrisco, e hei-de comer o meu quinhão!» —

Logo respondeu, muito pronta:

— «Está bem! Fica entendido! Podes contar comigo para tomar conta de tudo!» —



Era quási noite quando chegaram à herdade. O Lôbo subiu a um pedregulho, saltou o muro e meteu-se no celeiro que tinha uma fresta por onde podia bisbilhotar, sem ser visto.

Durante êsse tempo, Comadre Raposa, muito sossegada da sua vida, andava à roda da propriedade.

Mestre Lôbo nada dissera mas estava bem ao facto dos hábitos da herdade.

Sabia que era costume, à tardinha, o tio Zé Fagundes largar os cães para fóra da quinta, a rondar os muros.

De facto, daí a pouco, ladrando muito alto, êles saíram pelo portão e Compadre Lôbo ponde, à sua vontade, cair sobre dois belos capões.

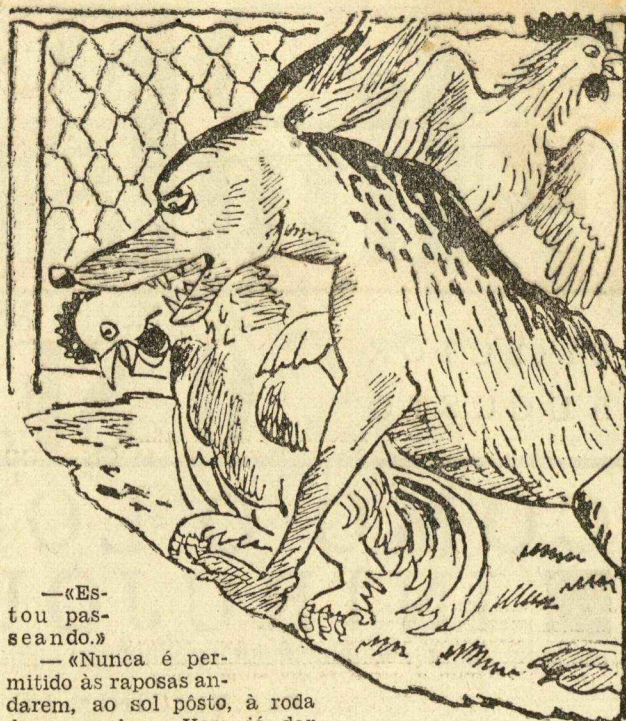
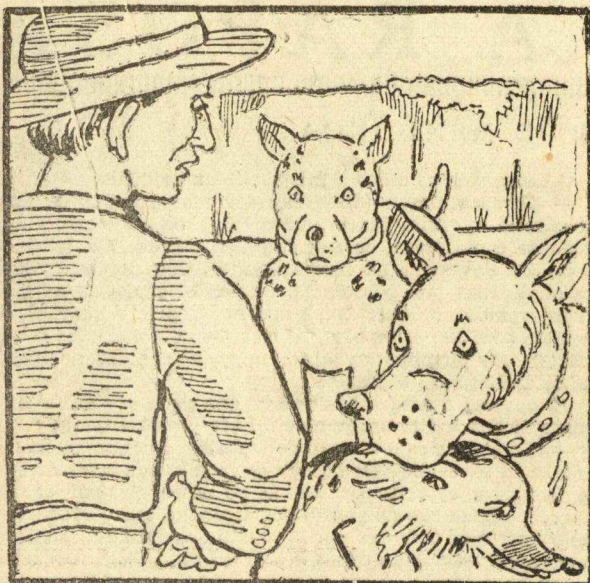
Pelo lado oposto, donde vinha o ladrar dos cães, fugiu, levando nos dentes as suas duas presas.

Quem não ficou lá muito satisfeita foi a Comadre Raposa, ao vêr, diante de si, um enorme canzarrão, de boca escancarada, olhos esbugalhados e ladrar tão forte que tudo, à roda, tremia.

A Raposa titubeou:

— «Grande honra para mim cumprimentá-lo, caro senhor cão!» —

— «Explica-me mas é a razão porque andas a rondar a propriedade de meu amo!» —



— «Estou passeando.»

— «Nunca é permitido às raposas andarem, ao sol pôsto, à roda das capoeiras. Vem já dar conta do teu procedimento, minha intrujona!» —

Levada pelo garganete, Comadre Raposa não teve mais remédio senão obedecer.

Estava o tio Zé Fagundes olhando, estarecido, as manchas de sangue que emporcalhavam a terra, quando o cão de guarda lhe trouxe, pendurada nos dentes, a raposa que regougava, cheia de medo.

— «Grande ladrisca! Bem me parecia que me tinham larapiado os meus belos galos! Vais-me pagar caro o teu atrevimento!» —

E, pegando nela, atou-a a uma árvore.

Depois, foi buscar uma espingarda e atirou sobre a raposa.

Mas a bala só lhe veiu cortar a cauda abaixo dos rins, deixando-a, portanto, livre.

Comadre Raposa fez uma pirueta e galopou pelos campos fóra.

Quando chegou ao carvalho velho, ia cansadíssima de dores.

(Continua na página seguinte)

DONA FILIPA de VILHENA

Por JOSINO AMADO

— **N**UMA fria madrugada,
Antes de o Sol despontar,
Ofertei à Pátria amada,
O mais que podia dar!

Foi a luz da minha vida,
Os meus sonhos mais fagueiros,
Dois filhos, prole querida
A quem armei cavaleiros!

E disse-lhes, corajosa,
Quando as espadas lhes dei:

— «A nossa Pátria formosa
Com bravura defendei!

Lutai pela liberdade
Do bom povo português,
Imolando a mocidade
Para ser livre outra vez!

Sêde bravos na peleja,
Correi ao paço real!...
Antes eu mortos vos veja
Do que morra Portugal!...»



■ F I M ■

A CARIDADE

Por JOSINO AMADO

I

C ADAVÉRICA, rôta, esfomeada,
Olhos de luz amortecida, baça,
À beira duma rua, envergonhada,
Estende a mão à multidão que passa.

Ninguém a vê!... O rico, fronte alçada,
Vira a cara e maldiz tanta desgraça;
O pobre foge, ao ver na desgraçada
A sombra do porvir que o ameaça.

Calada, humilde, meditava, apática,
Quando a acordaram da mudez extática,
Os sinos a dobrar na imensidade.

Ouvindo o seu vibrar triste, plangente,
A pobre pensa, merencoriamente:
—«Morreu a nossa mãe, a Caridade!»

II

Nisto passou, alegre, saltitante,
Como um pardal ao regressar ao ninho,
Uma criança bela, impressionante,
Olhar azul, macio como arminho.

Vai para a escola, a saca de estudante
A balouçar, merenda no cestinho,
Vendo a pòbrinha, pára e, num instante,
Tudo lhe dá, contente, aquele anjinho.

E segue, pressuroso, satisfeito,
Um rouxinol cantando no seu peito,
Enquanto, pelo azul, repicam sinos...

E a pobre, ouvindo a vibração festiva,
Com fé pensou:—«A Caridade é viva,
Ressuscitou na alma dos meninos!...»



COMO O LOBO INTRUJOU A RAPOSA (Continuado da página 2)

Logo o lobo perguntou:—«Que é feito da tua linda cauda?

—«Mais tarde te responderei. Primeiro que tudo quero encher a barriguinha.»—

—«O quê? Sempre julguei que tinhas passado este tempo todo a comer, regalada!

Como demoraste, já devorei os dois capões. Por sinal, estavam bem atochadinhos de carne!»—e lambia os beiços, com ar guloso.

De orelha murcha, barriga vazia e cauda mutilada, a pobre tansa recolheu à sua toca, a esconder tanta vergonha, pois era caso único, no mundo

uma raposa matreira ter sido intrujada pelo bruto dum lobo.

A LIÇÃO DO JOSÉ MANUEL

Por LEONOR DE CAMPOS.

O José Manuel é um rapaz inteligente, estudioso... Anda no 5.º ano do liceu. E é conhecido, entre os colegas, por «Zé Sabichão».

Este ano foi passar as férias grandes ao Norte, a uma linda terra do Alto-Douro. Certa noite muito quente, andava ele a passear na estrada, com dois amigos, quando surgiu um magote de rapazes que, armados de enormes canas, perseguiram alguns morcegos que por ali esvoaçavam...

— «Alto! — gritou José Manuel, com voz forte. — Que andam vocês a fazer?»

Os rapazes, intimidados, pararam imediatamente. E, de entre eles, adiantou-se o Zacarias.

— «Saberá o senhor Zezinho que andamos à caça dos morcegos!...»

— «E para quê? Para que caçam vocês os morcegos?»

— «Ora, p'ra que houvera de ser!... E p'ra ver se desaparece esta raça de má morte!...»

— «Mas vocês não estão bons da cabeça! — exclamou José Manuel, indignado. — Que mal lhes fazem os pobres morcegos? Pelo contrário, só bem lhes podem fazer!...»

— «Salvo o devido respeito, o senhor Zezinho está enganado!... — retorquiu, com

todo o desembaraço, o Zacarias. — Estes *alimaes* são muito perigosos... *Inté* chupa o sangue à gente!... E, além disso, comem-nos a fruta e estragam a hortaliça!...»

— «Vocês não sabem o que dizem, rapazes... Mas venham daí comigo até minha casa... Quero dar-vos uma liçãozinha, que decerto vos aproveitará...»

Os rapazes entreolharam-se, coçaram as cabeças, indecisos, mas, por fim, lá se resolveram a seguir o José Manuel.

Pouco depois, sentado na varanda e rodeado pela rapaziada, o «Zé Sabichão» começava:

— «Os morcegos, ao contrário do que vocês e muita outra gente julga, não são



prejudiciais nem nocivos... Deviam até ser estimados pelos homens e não destruídos...»

— «Mas porquê, senhor Zezinho?» — indagou um, dos do grupo.

— «Porque não estragam os pomares e as hortas. Só os beneficiam, comendo os insectos que costumam atacar os frutos e as hortaliças... Vocês percebem? Quero dizer: os morcegos comem as lagartas, os gafanhotos, os bichos de conta, as moscas... enfim, toda essa bicharada que vive à custa da fruta e da hortaliça, que a nós nos sabe tão bem!...»

— «Sério, sério, senhor Zezinho?» — perguntou o Zacarias, incrédulo.



José Manuel deu um salto:

— «Essa agora?! Então, vocês duvidam do que eu afirmo?»

— «É que... os nossos pais... os nossos avós... todos dizem que o morcego é ru que *inté* chupa o sangue à gente...»

— «Mas quem sabe mais? O teu pai ou teu avô, que nem sequer são capazes de soletrar uma carta, ou eu, que ando a estudar há uns poucos de anos?»

O Zacarias é um cabeçudo. Por isso tornou:

— «Tá claro: o menino sabe mais coisa de livros. Mas com respeito a este campo, o meu pai... o meu avô...»

— «Ah, sim? — indignou-se o José Manuel. — Nesse caso, podes ir-te embalar. Vou continuar com a minha lição e outros rapazes, mas a ti não ensino mais nada... Ala!...»

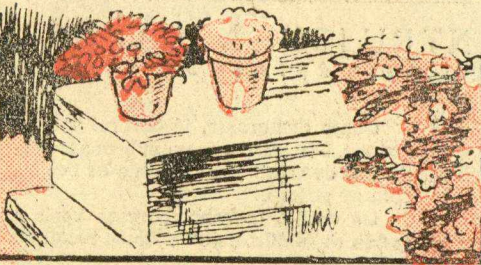
Zacarias fez-se vermelho como um mentão. E, muito murcho, deu meia volta e desceu os degraus de pedra, a passo lento. Mas não se afastou. Sentado no último degrau, ali ficou a ouvir a lição de José Manuel.

Este continuou:

— «Há realmente algumas espécies de morcegos prejudiciais. Mas não em Portugal. Só na América do Sul e em certas regiões da África, eles aparecem. São chamados *vampiros* — morcegos grandes, avermelhados. De ponta a ponta das aberturas, medem cerca de meio metro. Estes, sim, são perigosos, sobretudo para os animais. Mordem aves de capoeira, galinhas, perús, etc... Mordem cavalos, burros, bois... e até chegam a morder o homem, para lhe chupar o sangue...»

— «Ena, pai! — gritou o Ernesto, galanteado pelo vivo e esperto. — E deixam a pessoa na quilha?»

— «Não, meu rapaz. Enfraquecem apenas... É claro: se a pessoa for picada todos os dias, pode até morrer... Mas preciso notar uma coisa. O vampiro



(Continua na página 7)

SANTO AGOSTINHO E O MENINO DEUS

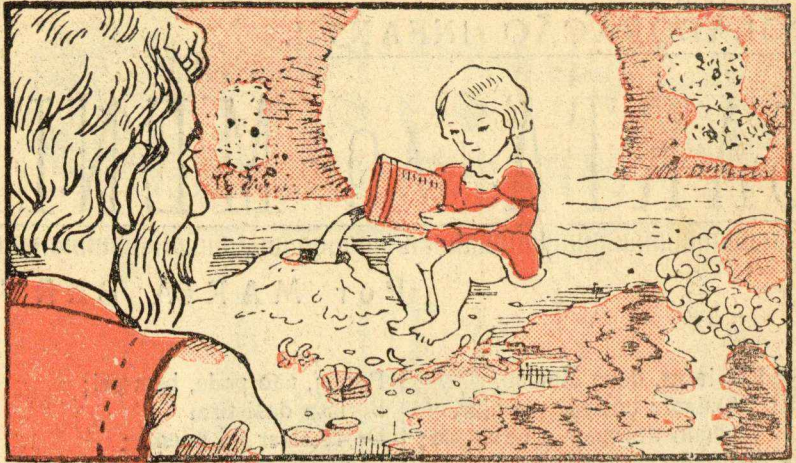
Por FRADE CORREIA

Ao meu amigo Agapito

A NDAVA, Santo Agostinho, em tarde de saúde, a meditar no mistério da Santíssima Trindade, quando adregou encontrar, a brincar, Jesus-menino na praia.

— Era, então, já lua cheia...
E o Menino lá andava, com suas mãos de cambraia, a deitar água do mar numa covinha de areia.

E não parava um momento, pois levou horas assim;



mas, por fim, o santo compadecido, deslumbrado, disse, com pena, ao menino:

— «Já deves andar cansado... Que pretendes, criancinha?»

— «Quero meter todo o mar nesta pequena covinha.»

— «Tu não vês que é impossível?! O mar é quási infinito

e queres metê-lo nesse cantinho restrito!?»

— «Mais infinito, que os céus e que o mar, é o Mistério em que andas a meditar!»

Calou-se o Santo mas deu muita razão ao Menino. Reflectiu... compreendeu que Ele era Deus-pequenino.

■ F I M ■

As Respostas do Serapião

Por MANUEL FERREIRA

N AO sei se conhecem o meu amigo Serapião. Era um velho que tinha duas pernas de pau e vendia *eléctricidade* em pó, num quiosque de secos e molhados, na rua da Tinta Preta.

Uma vez, quando era pequenito, Serapião desatou a tocar corneta. Fazia infernal barulheira. A mãe, D. Pancrácia, veio a correr:

— «Que vem a ser isto, Serapião? Não ouviste dizer, há pouco, que não queria barulho?»

O pequero respondeu, com muita convicção:

— «O' mamá, mas este barulho não é o mesmo. Há bocadinho era o tambor. Agora, estou a tocar corneta...»

Preguntaram, certa vez, ao nosso herói:

— «Entre os filhos dos teus pais, há algum que não seja teu irmão?»

— «Há, sim, senhor.»
— «Há? Vê o que dizes...»



— «Há um que não é meu irmão; é a minha irmã.»

Em outra ocasião, D. Pancrácia perguntou ao nosso Serapiãozinho, à hora do jantar:

— «Estavam duas maçãs no fru-

teiro. Agora só aqui vejo uma. Como foi isto arranjado?»

— «Eu lhe digo, mamá. E' que estava tão escuro na casa de jantar que eu não reparei na maçã que ficou.»

— «O' papá, dá-me um tostão?»
— «Já és bastante crescido para me pedires um tostão...»
— «Bom. Então, o papá dá-me cinco tostões?»

A hora do almoço, recebe-se um telegrama da avó, D. Felisberta.

— «Leia, papá.»
— «Perdi o combóio. Vou amanhã, à mesma hora...»
— «A avó tem cada uma! — (observou Serapião.) — Se ela vem amanhã, à mesma hora, torna a perder o combóio.»

Como Serapião tivesse feito algumas viagens, de vez em quando, dizia a sua mentira.

— «Calculem vocês — (disse êle) —

COLABORAÇÃO INFANTIL

CARTA AO MENINO JESUS

Por MARIA BERTA

Para a MARIA HELENA

MEU Jesus, doce Menino,
Quizera compôr um hino,
Cheio de amor e de unção;
Em que pudesse mostrar
O lugar grande, sem par,
Que tens no meu coração.

Um hino tão grandioso,
Tão suave e harmonioso,
Tecido com tais encantos,
Que só pudessem cantá-lo,
Pra Teu prazer e regalo,
Os anjos do céu e os santos.

Que belo devia ser,
Se conseguisse dizer
O que penso, o meu sentir;
Se aquilo que está cá dentro,
Se o amor que em Ti concentro,
Se pudesse traduzir!...

Porém, não pode, bem sei;
Porisso desistirei
De realizar tal intento;
Por não ter jeito nem arte,
Sou forçado a pôr de parte
Este louco pensamento.

Mas sempre dizer-te quero
Que tenho um culto sincero
Por quanto Te diz respeito;
Que Te rezo com fervor,
Que Te guardo, com amor,
No mais fundo do meu peito.

Que quando vens, no Natal,
Com ternura, sem igual,
Com o maior dos carinhos,
Deixar brinquedos, lembranças
Às inocentes crianças,
Dentro dos seus sapatinhos,

Eu sinto, dentro de mim,
Uma alegria sem fim,
Que me dá felicidade;
E dói-me profundamente
Saber que, no mundo, há gente,
Que não vê tanta bondade!»

É por isso, meu Jesus,
Fonte da mais pura luz
Que até hoje conheci,
Que em meu culto e devoção,
Minha primeira oração,
Vai, sempre, só para Ti.

F

I

M

que já subi os Alpes, em bicicleta.»
Os amigos riam-se. Um deles, então,
disse :

— Não acreditam? Pois é verdade!
Quando êle ia a subir, já vinha eu a
descer.»

— «Olha :— O Século» — apregôa o
nosso homem, em alta grita, no Rossio.

— «Tem o jornal de amanhã» — pre-
guntou um engraçado.

— «Não, senhor. Os jornais de ama-
nhã já os vendi todos, ontem.»

O Bernabé, que tem uma loja de
solas, correias e cabedais, perguntou,
por chalaça, a Serapião :

— «Olhe lá, você vende gravatas e
não usa gravata?»

— «Também o senhor vende coleiras
para cães e nunca usou coleira.»

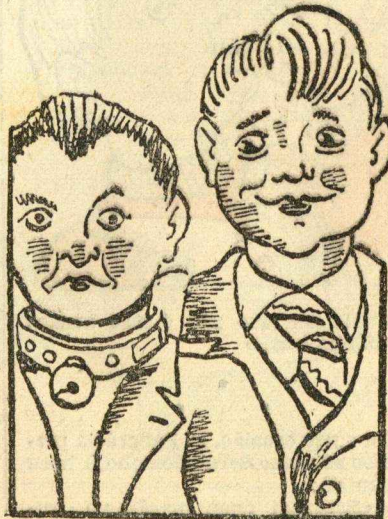
Uma tarde, disse Serapião ao criado:

— «João, perdi no jardim uma moeda
de dez escudos. Se a achares, traze-ma.

Contudo, se não a achares, podes ficar
com ela....»

Quando conheci o meu amigo Sera-
pião, já êle era velho. Uma vez dis-
se-me :

— «Ah, Ferreira amigo! Quem me
dera o tempo em que sofria dos calos?»



— «Porquê, senhor Serapião!» — (pre-
guntei eu.)

— «Porque, ao menos, não tinha as
pernas de pau...»

Serapião chegou a homem. Fez-se
criado, em casa do senhor Dias.

Certa vez, um cavalheiro bate à
porta.

— «Quem é?» — (preguntou Sera-
pião.)

— «O patrão está?»

— «Não. Saiu há pouco.»

— «Tenho pena que o senhor Dias
não esteja. Mas deixo-lhe o meu car-
tão. Não se esqueça de lh'o entregar
logo que êle chegue.»

— «Ora essa! Esteja descansado.
Até lh'o posso entregar já...»

Na escola, mestre Anastácio pre-
guntou ao pequeno :

— «Como se divide o corpo humano?»

— «Em cabeça, tronco e membros —
(respondeu Serapiãozinho.)

— «E o corpo dos peixes?»

— «Em rabo, cabeça e postas!»

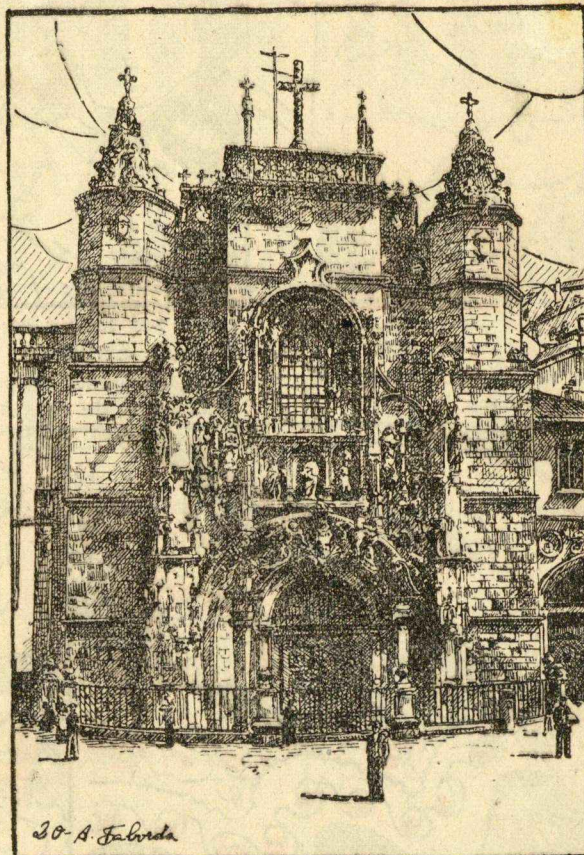
REFERÊNCIA AUXILIAR

A idéa da fundação do mosteiro, a que este monumento diz respeito, é de D. Tello cónego arceediago da Sé da cidade onde éle se ergue, de D. João Peculiar, mestre-escola e de D. Miguel, prior da Sé. Foi fundado em 28 de Junho de 1131.

Era, primitivamente, um templo humilde. Em 1190 foi sitiado pelo imperador de Marrocos, o qual em face da resistência, desistiu de o tomar.

É nesta igreja que se encontra um formoso púlpito, formado de uma só pedra, sendo a sua autoria atribuída ao escultor francês João de Ruão. Encontram-se lá, também, os restos de D. Afonso Henriques e de seu filho D. Sancho, em túmulos mandados esculpir por D. Manuel I.

O mosteiro transformou-se, mais tarde, em cadeia, roda de expostos, tribunal, casa de câmara, escola industrial correio e telégrafo, mercado e habitações.



A LIÇÃO DO JOSÉ MANUEL

(Continuação da página 4)

chupa o sangue a pessoas, nas noites em que não tem outro alimento...

— «E eles fazem feridas muito grandes?»

— «Talvez de um a dois centímetros de diâmetro... Assim...»

E o José Manuel mostrava, com os dedos, o comprimento aproximado da ferida.

— «Trr!... — exclamou o Ernesto. — Inté estou arrepiado!...»

O José Manuel continuou:

— «Mas, se às pessoas nem sempre atacam, não fazem a mesma cerimónia com os animais. Os cavalos, então, são uns mártires. Os vampiros agarram-se a eles, chupam, chupam e só os largam quando se sentem saciados...»

— «E os cavalos morrem?»

— «Sim, a maior parte das vezes, morrem. Não pela perda de sangue, mas pela infecção que a mordedura ocasiona...»

— «Onde há esses morcêgos, senhor Zêzinho? Como disse o menino há bocadinho?» — indagou Ernesto.

— «Só na América do Sul e em alguns pontos da África...»

— «Ah!... Ainda bem que a gente está longe...»

— «E agora — rematou José Manuel, levantando-se — nunca mais tornem a maltratar os nossos pobres morcêgos. Estes são muito, muito diferentes desses tais morcêgos americanos e africanos!...»

— «São morcêgos portugueses... e basta!...» — ajuntou o Ernesto, a esfregar as mãos, satisfeito com a lição de José Manuel...»

CONCURSOS MENSAIS

DECISÃO DO JÚRI

Reunido o Júri para a apreciação das provas relativas aos *Concursos de Contos e Poesias Infantis*, referentes ao mês de Dezembro próximo passado, entendeu fazer justiça concedendo menções honrosas, numeradas, às seguintes produções:

CONTOS INFANTIS

Primeira: — «O Milagre» por Cesar Madeira — (Rasec).

Segunda: — «Sejamos Irmãos» por Isoldina.

Terceira: — «O Pretinho que se fez branco», por Idalina Carvalho Rodrigues — (Fanny).

Quarta: — «Não faças aos ani-

mais...», por Manuel da Silva Rocha Felgueiras — (Maneco d'Amalan).

Quinta: — «A inveja», por Fanny

POESIA

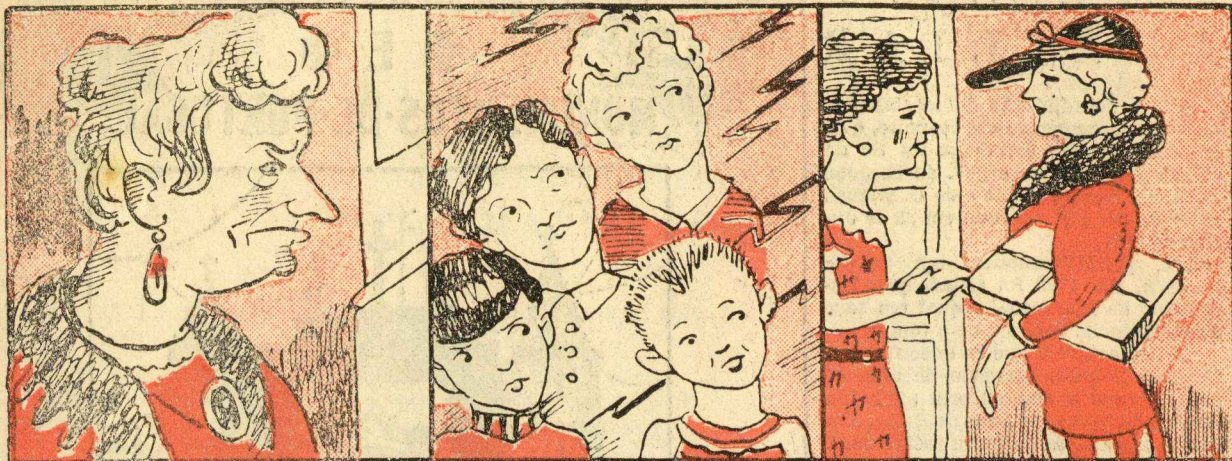
Primeira: — «Raciocínio infantil», por Carlos F. Carvalho — (Carlos) —

Segunda: — «A Laidinha», por M. Carvalho — (Neco) —

Além destes, merecem, também, uma citação o conto: — «A Alicinha e a boneca», por Alentejano — Filipe Corujo Varela — e a poesia: — «A Bemfeita e o Endireita», por Alcatraz (Manuel Martins Relego Junior).

FALTA DE CHÁ

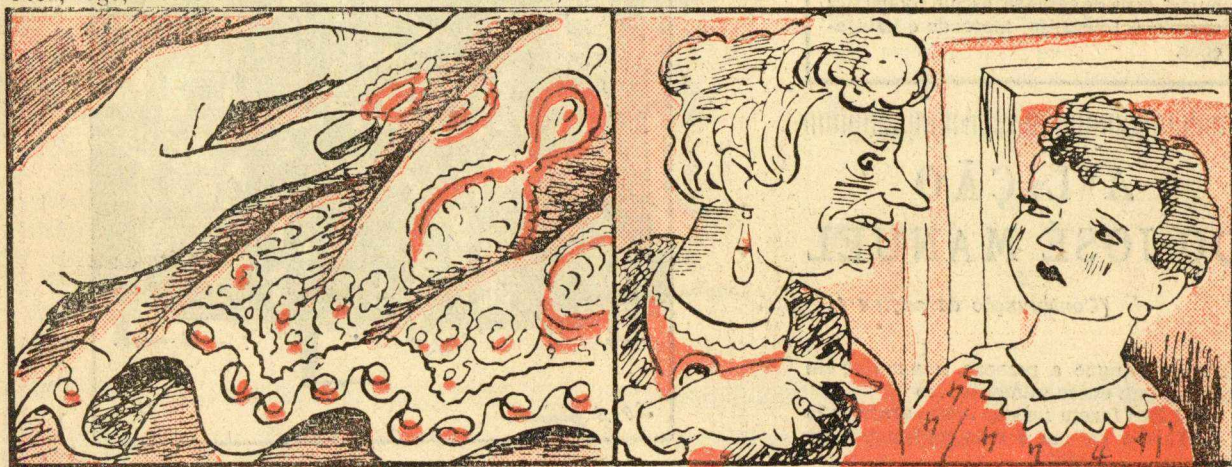
Por
MARIA DE JESUS DOS SANTOS



GOSTA de tudo saber...
A velhota é curiosa...
Se não lhe querem dizer,
Fica, logo, furiosa.

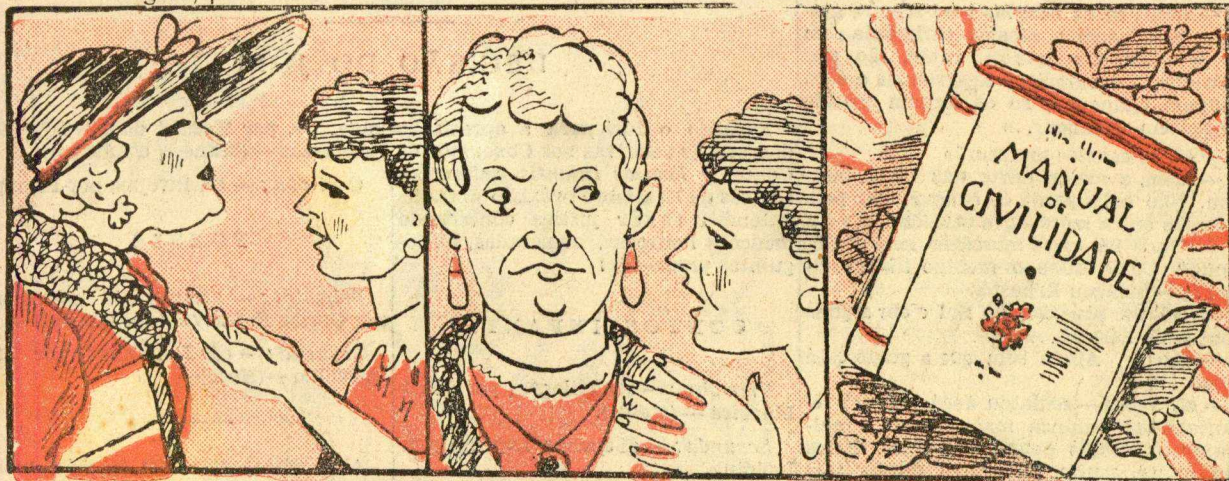
Ralha por tudo e por nada
A tal D. Seribanda,
Chega a deixar as pessoas,
Muita vez, de cara à banda.

Há dias foi lá a casa
A miss Barry Belem,
Senhora de fino trato
Mas que, de seu, nada tem,



No intuito de mostrar
Um bordado oriental
Que tinha para rifar,
Agora, pelo Natal.

Pois logo se abespinhou,
Por a filha ir atender,
A senhora, e começou
Num ralho de ensurdecer.



É claro que em mil desculpas
A menina se desfez
E após a miss sair
Diz a mãe com altivez:

— «O que vinha ela vender?»
(Embora respeite a idade,
Volve a filha, zombeteira:)
— «Livros de Civilidade.»

Aprende a ser delicado,
Caro leitor miudinho,
Pois se cantares em novo,
Em velho dás-lhe um jeitinho.